

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

PAULO FREIRE E OS “ESFARRAPADOS DO MUNDO”

Mara Luiza Abreu Paiva

4º Período – Pedagogia UFSJ

“Esfarrapado, adj. Rasgado; roto; maltrapilho” (BUENO, 2007, p. 314).

O discurso freiriano é focado na ideologia da educação libertadora e no sujeito aluno como cidadão. Sabe-se que cidadão é “indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado” (BUENO, 2007, p. 166).

A partir destes esclarecimentos, o texto sustenta-se na busca do diálogo, tendo como centro os alunos em situação de vulnerabilidade social, sujeitos da periferia, da favela. Sujeitos pela metade, que tiveram seus direitos rasgados. Seres maltrapilhos, que são ignorados, principalmente, pelas políticas públicas. Os profissionais da educação que atuam nessas realidades é, igualmente, foco dessa discussão.

Os sujeitos alunos nas condições dispostas acima são, em sua maioria, carentes, no mais amplo sentido da palavra. Carentes de afeto, amor, carinho, comida, saúde, dinheiro, direitos. Ou seja, sem qualquer gozo de direitos civis e político. Sendo assim, não deveriam ser chamados de cidadão. São sujeitos que, urgentemente, precisam ser “costurados”.

Sabendo dos apontamentos apresentados, vê-se em Paulo Freire uma alternativa de atuação para com os “esfarrapados do mundo”. Ele diz que

“Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a Favelas ou realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade.” (FREIRE, 2015, p.74).

Engajando-me em Freire, acrescento que a práxis pedagógica, na realidade atroz dos sujeitos alunos aqui focada, deve se desenrolar na transição do sujeito para cidadão,

estando realmente com ele para intermediar esse processo. A conscientização dos direitos que lhes pertence é a porta de entrada para a sua emancipação, portanto é uma inadiável necessidade.

O professor que atua nas áreas de instabilidade e vulnerabilidade social, em meio à desumanidade e falta dos mais diversos recursos (de materiais necessários a sua prática e ao desenvolvimento do educando, à merenda escolar), e outras várias adversidades que envolvem, de forma mais direta, o meio educacional em questão, se vê prisioneiro de falta de recursos e direitos que, similarmente, o envolvem. Por isso, esse profissional pode ser encaixado, também, no grupo dos “esfarrapados do mundo”.

Orientada por esta reflexão, a dúvida se faz presente e persiste. Como um profissional atado de muitos de seus direitos atua na afirmação e emancipação de sujeitos em situação semelhante?

Referências

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.